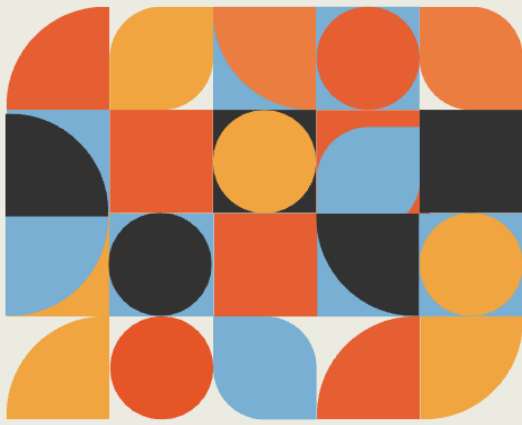




PAUTA EFÊMERA: NÃO EXISTE MODA NAS EDIÇÕES DE 1975 A 1979 DO BRASIL MULHER?

Ephemeral Agenda: Is There No Fashion In The 1975–1979 Issues of Brasil Mulher?

Leal, Mariana Alves; Mestranda; Fap/Unespar, mah.a.leal@gmail.com¹
Stecz, Solange Straube; Doutora; Fap/Unespar, solange.stecz@unespar.edu.br²

Resumo

O artigo analisa a presença da moda no jornal Brasil Mulher (1975–1979), investigando se sua aparente ausência era de fato real. Com base em pesquisa bibliográfica e documental das edições disponíveis nos acervos da Fundação Perseu Abramo e do Instituto Vladimir Herzog, em diálogo com obras de Dulcília Buitoni (1981) e Bernardo Kucinski (2003), busca-se contextualizar a imprensa e o período histórico, evidenciando a moda como ferramenta de resistência e identidade. O estudo abre diálogos sobre o papel político e social da moda no Brasil Mulher e na imprensa brasileira.

Palavras-chave: Periódico Brasil Mulher; moda; imprensa feminista.

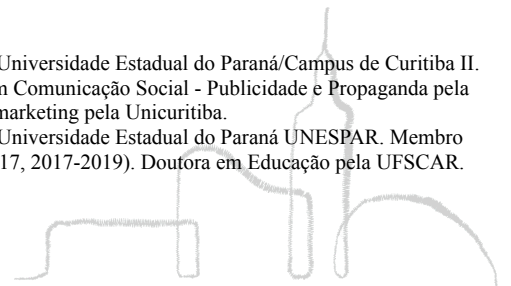
Abstract

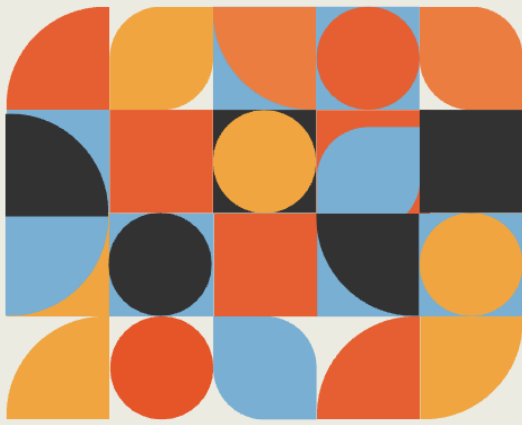
The article analyzes fashion in the newspaper Brasil Mulher (1975–1979), investigating whether its absence was in fact real. Based on bibliographical and documentary research of the editions available in the collections of the Fundação Perseu Abramo and the Instituto Vladimir Herzog, and in dialogue with the works of Dulcília Buitoni (1981) and Bernardo Kucinski (2003), the study seeks to contextualize the press and the historical period, highlighting fashion as a tool of resistance and identity. It shows the political and social role of fashion in Brasil Mulher and in the Brazilian press.

Keywords: Brasil Mulher newspaper; fashion; feminist press.

¹ Mestranda em Artes - Cinema/Audiovisual, Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Artes da Universidade Estadual do Paraná/Campus de Curitiba II. Orientadora: Professora Doutora Solange Straube Stecz. Bacharel em Design de Moda pela PUCPR, Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Unicuritiba, Master in Fashion Communication and Styling pelo IED Milano e MBA em Gestão estratégica de marketing pela Unicuritiba.

² Coordenadora e professora do Programa de Pós Graduação em Artes - PPGARTES Campus Curitiba II/FAP - Universidade Estadual do Paraná UNESPAR. Membro do Comitê Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da UNESCO-MOWBRASIL (Gestão 2015-2017, 2017-2019). Doutora em Educação pela UFSCAR.





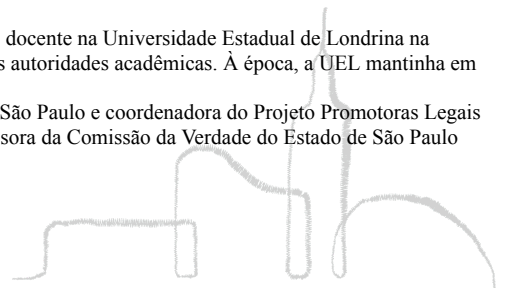
Introdução

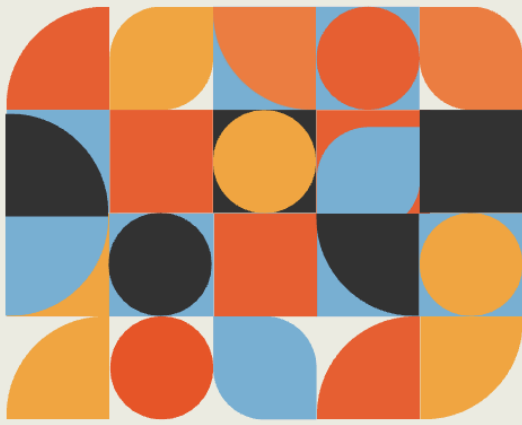
Entre os anos de 1975 e 1979, em pleno regime militar brasileiro, surgiu o *Brasil Mulher*, um periódico feminista alternativo, idealizado por Joana Lopes³ e um time de sete mulheres engajadas, mas nem sempre jornalistas ou universitárias, que se destacou por dar voz a pautas ignoradas pela grande imprensa. Produzido inicialmente em Londrina, no Paraná, e, posteriormente, em São Paulo, o jornal foi editado pela Sociedade Brasil Mulher e era ligado ao Movimento pela Anistia. Curiosamente, segundo Amélia Teles⁴ (2004), que compôs o corpo editorial do *Brasil Mulher* e é ativista dos direitos das mulheres, o periódico só começou a usar a “palavra feminismo na edição nº 2, publicada no início de 1976, quando diz: “O Brasil está pouco a pouco, timidamente, entrando para os países onde o feminismo - Movimento de Libertação da Mulher - se afirma e se organiza.”. Ela ainda completa que o termo não era bem quisto por muitas mulheres, inclusive algumas que participavam da editoria do periódico e que até na atualidade ele segue sendo um estigma.

Suas edições foram caracterizadas por sua produção artesanal, tiragem reduzida e distribuição irregular. Em suas páginas, em contraste com a imprensa feminina da época, que segundo Dulcília Buitoni (1981, p. 138) “não se interessa pela mulher individual e histórica, mulher que tem nação, cor de pele, classe, enfim, elementos concretos e mais situadores”, observamos temas como saúde pública, creches, direitos trabalhistas e o papel da mulher como ser transformador na sociedade, escrito de forma coletiva e humanizada. Foi um material que, mesmo com dificuldades, alcançou parcelas marginalizadas da população, especialmente mulheres periféricas, contribuindo para o fortalecimento do movimento feminista no Brasil e abrindo espaço para debates sobre política, trabalho, sexualidade e direitos civis. Entretanto, esse jornalismo que escrevia uma história de baixo para cima como escreveu Jim Sharpe (1991), transitava na dualidade de para uma fatia de seu público apresentar uma abordagem simplória demais e para outra, muito intelectual a ponto de não ser acessível.

³ Pesquisadora na área da dança, arte-educadora e jornalista e idealizadora do jornal *Brasil Mulher*. Atuou como docente na Universidade Estadual de Londrina na década de 70, instituição da qual foi desligada após desenvolver um projeto teatral considerado inadequado pelas autoridades acadêmicas. À época, a UEL mantinha em funcionamento uma Assessoria Especial de Segurança Interna, ligada ao regime militar.

⁴ Ativista feminista, integrou a equipe do jornal *Brasil Mulher*. Atualmente, é diretora da União de Mulheres de São Paulo e coordenadora do Projeto Promotoras Legais Populares. Também participa da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos e atua como assessora da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 1: Capa Jornal Brasil Mulher 01, 1975.



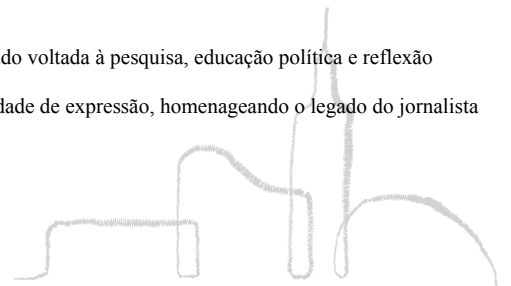
Fonte:

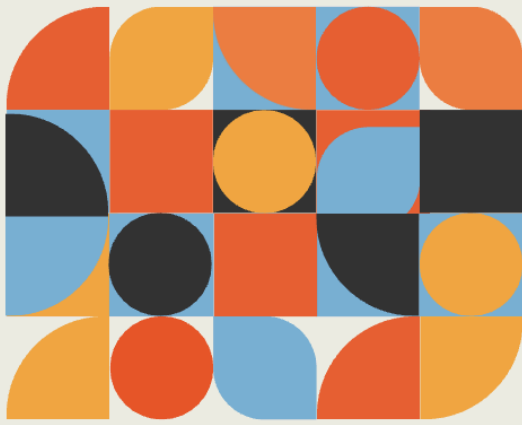
https://acervo.fpabramo.org.br/uploads/r/centro-sergio-buarque-de-holanda-csbh-fpa/b/2/c/b2c8bd8954d134bec637cea8767316378a1bb4ca15d966483c3853ad83efa5c4/J_BMulher_1975_0001_baixa.pdf

Hoje, todas as edições podem ser encontradas virtualmente, de forma irregular, espalhadas e digitalizadas nos acervos da Fundação Perseu Abramo⁵ e projeto do portal Memórias da Ditadura do Vlado Educação/Instituto Vladimir Herzog⁶, conservando marcas do tempo, seja pelos rasgos, amarelado das páginas ou por rabiscos feitos nas margens das matérias. Um outro detalhe curioso é a presença, em alguns números, de carimbos com o preço e moeda em circulação. Detalhes que ajudam a construir a identidade e o momento histórico em que o Brasil Mulher circulou.

⁵ A Fundação Perseu Abramo, criada em 1996 pelo Partido dos Trabalhadores, é uma instituição de direito privado voltada à pesquisa, educação política e reflexão ideológica, com autonomia administrativa e atuação nacional.

⁶ O Instituto Vladimir Herzog, fundado em 2009, atua na defesa da democracia, dos direitos humanos e da liberdade de expressão, homenageando o legado do jornalista Vladimir Herzog por meio de programas voltados à educação, à memória e à justiça.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

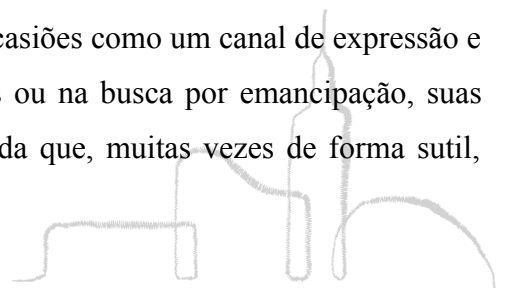
É preciso comentar que o estado físico delicado do periódico, a dificuldade em encontrar seus números sem ser por meio das duas instituições e o evidente risco de apagamento de sua memória impressa, foram pontos que ajudaram a construir a necessidade de explorar uma solução audiovisual para preservar um objeto “estático”. Além disso, a limitação de seu alcance original persiste, agora ampliada pela falta de iniciativas que o tornem visível para novas gerações, pois embora as edições estejam disponíveis online, muitas pessoas desconhecem sua existência, e o consumo acelerado de conteúdos atualmente não favorece o interesse em navegar por acervos digitais distintos para descobrir a relevância dos temas abordados.

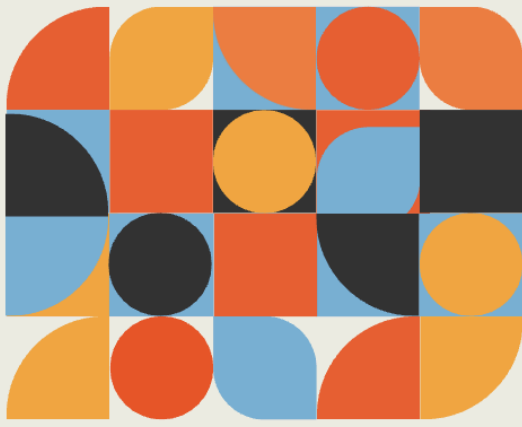
Apesar da amplitude temática, chama atenção a “ausência” da moda como pauta no Brasil Mulher. Em um período em que revistas femininas tradicionais se dedicavam a consolidar padrões estéticos e comportamentais, vinculando a mulher ao consumo e à domesticidade, a imprensa feminista optou por “silenciar” essa discussão. Essa escolha pode ser interpretada como uma forma de rejeição por associação entre moda e futilidade, uma crítica recorrente no campo político, mas que ao mesmo tempo nos possibilita explorar a moda como instrumento de comunicação, resistência e identidade. Mas será que a moda realmente não constava nas páginas do periódico? Responder a esta pergunta é um dos objetivos deste artigo bem como contextualizar a imprensa feminista brasileira de 1970 e discutir a moda como ferramenta de comunicação e expressão política.

Investigar a ausência da moda no Brasil Mulher não significa apenas identificar uma lacuna editorial, mas propor uma reflexão crítica sobre os limites e estratégias da imprensa feminista naquele contexto. A partir de metodologia bibliográfica e documental, que segue métodos histórico-dialéticos, podemos resgatar a moda como parte do repertório político das mulheres, compreendendo-a não como pauta secundária, mas como prática cultural capaz de expressar resistência, memória e identidade.

Imprensa feminina ou feminista?

Historicamente, as mulheres utilizaram a imprensa em diversas ocasiões como um canal de expressão e revolução. Seja na luta por direitos, na disseminação de obras literárias ou na busca por emancipação, suas singularidades encontraram nas páginas um espaço de reverberação, ainda que, muitas vezes de forma sutil,





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

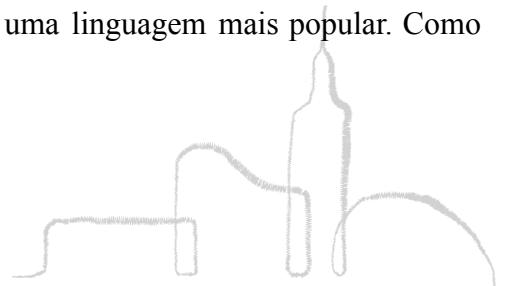
FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

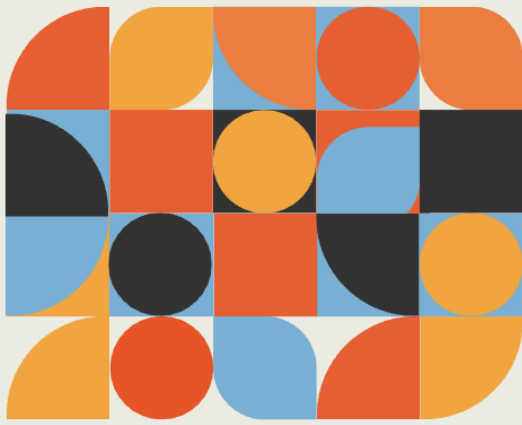
servindo como termômetro dos costumes e reflexo do contexto histórico vivido. O cenário do Brasil Mulher é a década de 70, momento em que o consumo de revistas no território nacional era efervescente e em que os jornais considerados alternativos firmaram-se como uma editoria combativa e politizada.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa bibliográfica e documental, que segue métodos histórico-dialéticos, constatamos que quando falamos sobre mulheres e imprensa, é preciso pontuar que os interesses considerados relevantes para são simbolicamente segregados do que é chamado de “imprensa geral” e encaixotados, muitas vezes, em duas vertentes bem definidas: “imprensa feminina” e “imprensa feminista”.

Parafraseando Dulcília Buitoni (1990), no livro "Imprensa Feminina", a chamada imprensa feminina é um conceito sexuado, pensado e direcionado para mulheres. Já a imprensa feminista é composta por revistas, jornais e outras publicações alternativas que buscam defender os direitos das mulheres. Ambas surgiram em resposta a contextos históricos específicos, refletindo transformações sociais e simbolizando avanços em seus respectivos cenários. No entanto, diferem no fato de que a imprensa feminina, em muitos casos, não era conduzida por mulheres, sendo frequentemente projetos de editoras dirigidas por homens. Além disso, costumava abrigar publicidade e representava uma parcela bastante específica da população: a mulher de classe média. Em “Mulher de papel”, Buitoni (1981), comenta que “a imprensa feminina apresenta muita atualidade justamente porque não se interessa pela mulher individual e histórica, mulher que tem nação, cor de pele, classe, enfim, elementos contrários e mais situadores”. A mesma autora complementa que “a imprensa feminina não mostra a negra, a índia, a japonesa; não mostra a pobre nem a velha - apresenta como ideal a mulher branca, classe média para cima e jovem”.

Já a imprensa feminista, também chamada de imprensa alternativa feminina, focava em debater assuntos comumente ignorados pela imprensa da época e não apenas nos problemas femininos. Essas publicações também queriam atingir as classes sociais mais baixas com uma linguagem mais popular. Como escreveu Buitoni (1981):





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

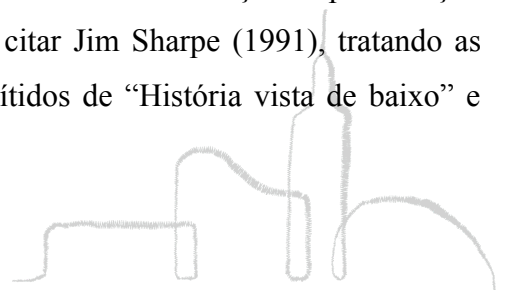
Carestia, sindicato, salários e direitos trabalhistas da mulher, alimentação, terrenos clandestinos, e outros. Mesmo os temas tradicionais, como crianças, recebiam um enfoque, um ponto de vista mais feminino e consciente. [...] Fazer jornalismo de baixo para cima é muito difícil. Mas as redatoras de “Nós Mulheres” e “Brasil Mulher” tentaram. (BUITONI, 1981, p.117)

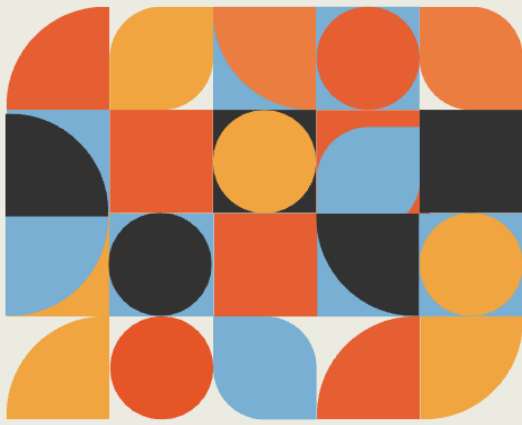
Cumpre destacar que a imprensa feminista foi majoritariamente desenvolvida por mulheres que, em alguns casos, não possuíam formação universitária ou experiência profissional em jornalismo. Inseridas em um contexto de escassez de recursos e condições precárias de trabalho, essas mulheres operavam com limitações técnicas e financeiras, recorrendo a processos como a fotocópia ou o mimeógrafo para viabilizar suas publicações. Tratava-se de produções com caráter artesanal, cuja distribuição era reduzida e frequentemente irregular. Parafraseando Buitoni (1990), a imprensa feminista constitui-se por coletivos de mulheres que se reconhecem como sujeitos políticos e comunicativos, buscando estabelecer um diálogo direto, humanizado e horizontal com suas leitoras. Uma abordagem que se diferencia significativamente da imprensa feminina tradicional, caracterizada por uma comunicação impessoal e dirigida na segunda pessoa.

Considero importante pontuar, como afirma Bernardo Kucinski (2003) que, mesmo com o feminismo em ascensão na Europa desde o começo da década de 70, e tendo se tornado um movimento de massa em diversos países, no Brasil ele não encontrava a precariedade somente na produção da imprensa alternativa, ele chegou a ser motivo de piada outros jornais como percebemos no trecho:

Mas, no Brasil, o feminismo ainda era tratado com desdém e mesmo chacota, inclusive por O PASQUIM, que fazia o gênero do jornal machista como parte de sua postura geral “anticlasse média moralista”, especialmente através dos artigos de Ivan Lessa, Ziraldo e Paulo Francis. Frequentemente, associavam feminismo à frustração sexual. (KUCINSKI, 2003, p.70)

Diante de fragmentos como esse das informações descritas anteriormente, torna-se evidente que o fato de que a imprensa feminista, mesmo sendo um canal de construção de uma voz coletiva para as mulheres em um momento de silenciamento e repressão política, esbarrou em estereótipos não apenas na imprensa geral, mas na própria imprensa feminina. Por em pauta desafios aos modelos hegemônicos de comunicação e representação feminina não foi tarefa fácil e considero, inclusive, a possibilidade de citar Jim Sharpe (1991), tratando as publicações feitas pela imprensa feminista do período como exemplos nítidos de “História vista de baixo” e justificando inclusive o que atrai o pesquisador nessa situação:





Essa perspectiva atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão freqüentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história. (SHARPE, 1991, p.41)

Por meio da análise e contextualização da época, jornais e autores, conseguimos traçar identificações que nos ajudam a compreender como a moda se entrelaça à trama do Brasil Mulher.

Brasil Mulher e a moda

O jornal Brasil Mulher, pode ser considerado um dos primeiros veículos da imprensa alternativa feminista no Brasil. Sua primeira edição foi publicada em dezembro de 1975, sob os cuidados de Joana Lopes. Seu surgimento contou com o apoio do Movimento Feminino pela Anistia⁷ (MFA), fundado no mesmo ano por Therezinha Zerbini⁸. Embora o MFA não se configurasse como um movimento feminista, ele utilizava estrategicamente a figura da mulher para fortalecer a pauta da anistia política, uma prática que, sob determinado olhar, pode ser interpretada como reproduzindo valores patriarcais. É relevante trazer um novo recorte de Kucinski (2003):

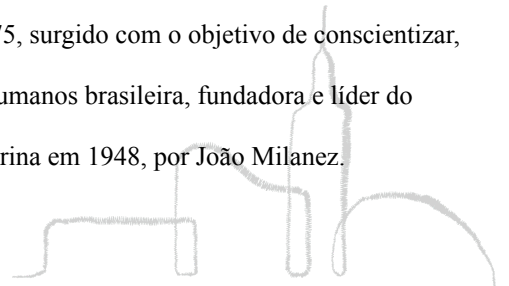
Em 1975, proclamado pela ONU Ano Internacional da Mulher, ganhou novo impulso o movimento feminista no Brasil, a partir de um “Encontro para o Diagnóstico da Mulher Paulista”, realizado em outubro na Câmara Municipal de São Paulo com apoio da ONU, da Cúria Metropolitana e de associações femininas. Em novembro foi fundado o Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira, que realizou pesquisas de campo sobre a condição da mulher – ainda mais dramática entre as famílias pobres das novas periferias urbanas do que em muitas outras partes do mundo. Logo nos primeiros encontros os participantes foram surpreendidos com a distribuição do primeiro número do Brasil Mulher, jornal alternativo feminista produzido em Londrina, trazido para São Paulo dentro de uma mala de viagem por sua fundadora, a jornalista Joana Lopes, e impresso nas oficinas da Folha da Manhã. (KUCINSKI, 2003, p.70)

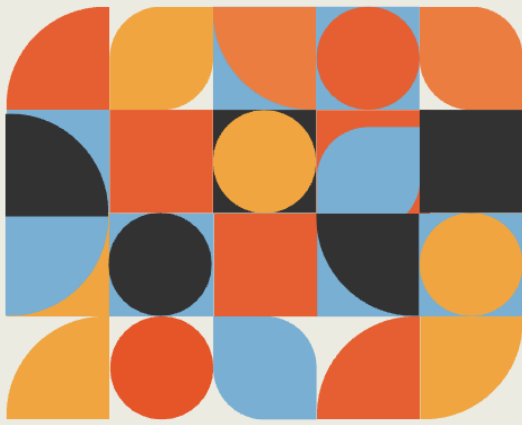
Ainda na leitura de Kucinski (2003), encontramos a informação de que a ideia inicial da publicação nasceu a partir de uma entrevista concedida por Zerbini à Lopes, que escrevia para o jornal Folha de Londrina⁹,

⁷ Movimento Feminino pela Anistia é um movimento político criado em dezembro de 1975, surgido com o objetivo de conscientizar, persuadir e pressionar a sociedade e o governo, mostrando a necessidade de anistia.

⁸ Therezinha de Godoy Zerbini foi uma assistente social, advogada e ativista de direitos humanos brasileira, fundadora e líder do Movimento Feminino pela Anistia.

⁹ A Folha de Londrina é um jornal de impressão diária que foi fundado na cidade de Londrina em 1948, por João Milanez.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

que é identificado como sendo um dos primeiros a abordar o tema da anistia. A partir desse encontro, e influenciada pela atuação local de nomes como Narciso Kalili¹⁰ e Rui Barbosa, foi concebida inicialmente a proposta de um boletim informativo do MFA, que rapidamente evoluiu para um jornal com posicionamento feminista.

Como dito no recorte anterior de Kucinski, o jornal Brasil Mulher mudou sua base para São Paulo, onde deu origem à organização feminista denominada Sociedade Brasil Mulher. Com edições majoritariamente bimestrais, o periódico alcançava uma tiragem de cerca de dez mil exemplares, circulando em diversas regiões do país. Posteriormente, o projeto passou por uma segunda fase de desenvolvimento:

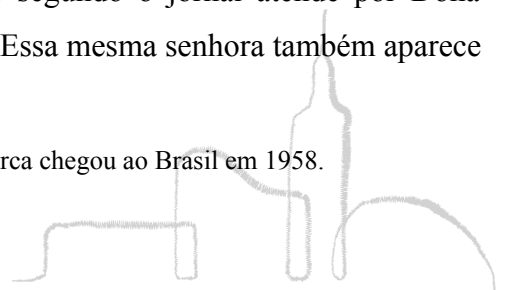
Houve depois um segundo “racha” quando a maioria, sob hegemonia do PCdoB e liderada por Maria Amélia Machado e Rosalina Santa Cruz, decidiu orientar o jornal para mulheres das classes trabalhadoras, dentro de uma perspectiva de ampliação partidária. Para isso, propunham pautas específicas, ao mesmo tempo em que se valiam da Sociedade Brasil Mulher como base de atividades partidárias. (KUCINSKI, 2003, p.71)

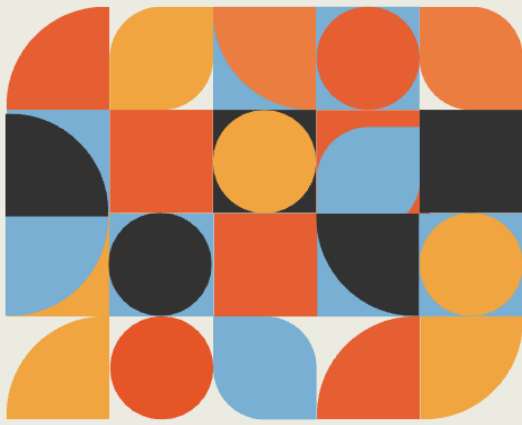
Mas apesar da divisão e das mudanças estilísticas que atingiram o jornal, a história do Brasil Mulher revela não apenas sua importância como veículo precursor da imprensa feminista no Brasil, mas também que a moda estava sim em suas páginas, mas não da forma como a imprensa feminina e geral estavam acostumadas a apresentar.

Em suas 16 edições, além das duas publicações extras, a moda se apresentou nos detalhes, nas greves e na cultura pop da época. Em sua primeira edição, encontramos não apenas notícias sobre a presença feminina massiva nas fábricas têxteis como também uma nota de que a AVON¹¹, descrita como uma das maiores empresas de cosméticos da época, não concedia cargos de responsabilidade a nenhuma de suas 750 mil funcionárias e também não ofereciam condições iguais em relação aos salários. Quem estampa a capa dessa edição, que mostramos anteriormente na pesquisa, é uma senhora que segundo o jornal atende por Dona Gumerinda e tinha 113 anos na época em que o periódico foi impresso. Essa mesma senhora também aparece

¹⁰ Jornalista idealista e libertário, fez reportagens marcantes e desafiou a ditadura.

¹¹ Avon é uma empresa de cosméticos que teve início em 1886 nos Estados Unidos. A marca chegou ao Brasil em 1958.





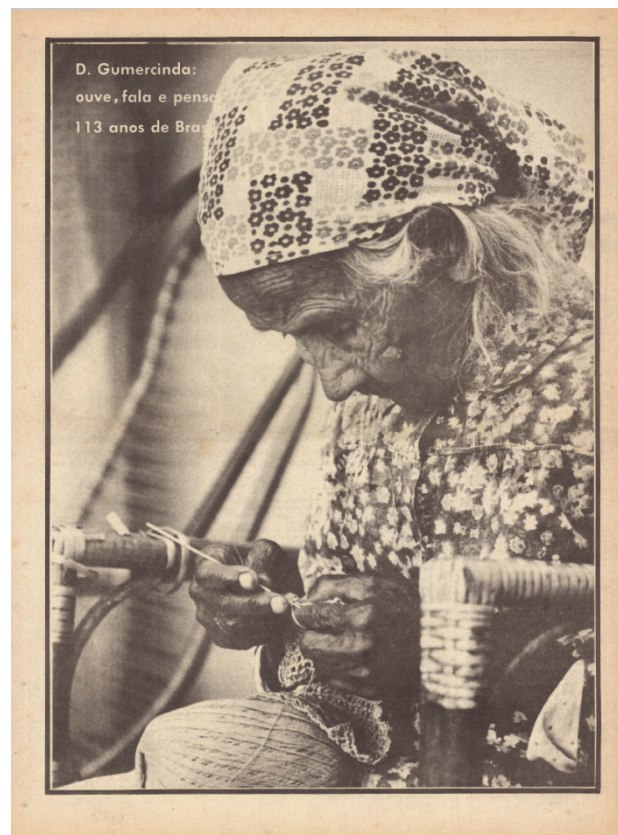
20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

na última página do jornal, “fazendo moda”: ela está crochetingando com um rolo de fio no colo e cabeça baixa. A ação de imediato nos passa a ideia de ancestralidade e de uma atividade que alinhava gerações como o jornal buscava alinhar diferentes fragmentos da sociedade.

Figura 2: Verso Jornal Brasil Mulher 01, 1975.



Fonte:

https://acervo.fpabramo.org.br/uploads/r/centro-sergio-buarque-de-holanda-csbh-fpa/b/2/c/b2c8bd8954d134bec637cea8767316378a1b4ca15d966483c3853ad83efa5c4/J_BMulher_1975_0001_baixa.pdf

Já na edição 2, uma entrevista com Leilah Assumpção relembra não apenas os momentos em que a dramaturga foi manequim, mas também suas opiniões em relação às imposições que a moda, tantas vezes, determina às mulheres. Leilah, que ocupou o cargo de desenhista de moda durante algum tempo, afirmava que já naquela época mulheres faziam plástica no nariz ou nos seios, buscando alterar o externo, quando era necessário cuidar, em outras palavras da saúde mental.

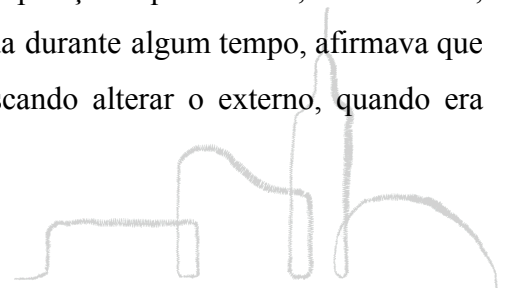


Figura 3: Entrevista com Leilah Assumpção no Brasil Mulher 02, 1976.

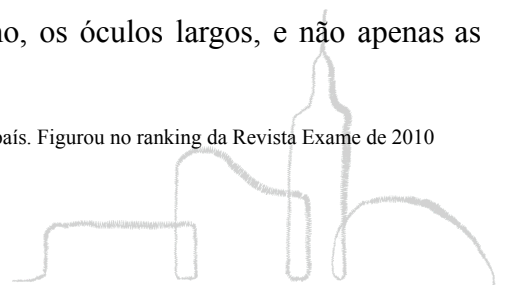


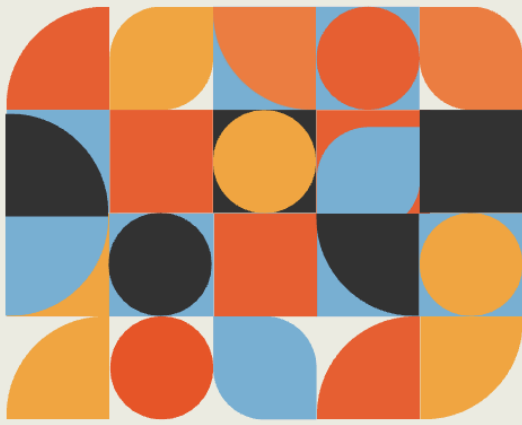
Fonte:

https://acervo.fpabramo.org.br/uploads/r/centro-sergio-buarque-de-holanda-csbh-fpa/7/e/3/7e36d52bbd35038185e013b4684b4b586088a1b4305c26ae01b68e6c62096f38/J_BMulher_1976_0002_baixa.pdf

Além das capas e entrevistas, a moda também estava nos movimentos pelos direitos das mulheres, em especial naqueles ligados ao trabalho. Na edição 14 encontramos uma reportagem que se divide em duas páginas que aborda a greve na fábrica de lingerie De Millus¹², chegando a fazer uma ironia com o slogan da marca. A foto que acompanha a reportagem nos transporta para os anos 70 e é fácil identificar elementos que eram usados por diversas mulheres, como o jeans, as calças boca de sino, os óculos largos, e não apenas as

¹² DeMillus é uma marca brasileira de roupas íntimas femininas, sendo a empresa que mais produz lingerie no país. Figurou no ranking da Revista Exame de 2010 como a décima-primeira maior empresa têxtil do Brasil em 1995.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

operárias.

Figura 4: Reportagem sobre a greve na De Millus no Brasil Mulher 14, 1978.

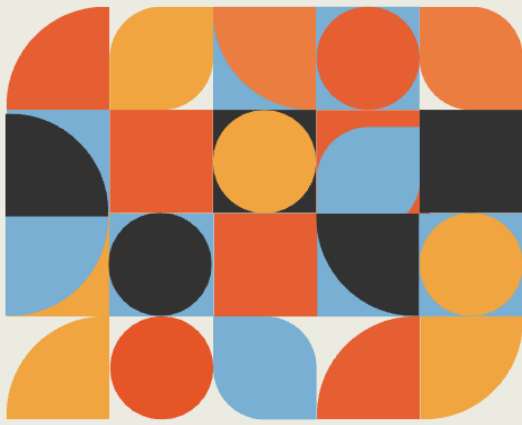


Fonte:

https://acervo.fpabramo.org.br/uploads/r/centro-sergio-buarque-de-holanda-csbh-fpa/b/0/d/b0d9102744f7668dc27e5da2262d1dbeb73569f6fbf6c10729d17d05a6eef2be/J_BMulher_1978_0014_baixa.pdf

Na última edição do jornal, de número 16, uma reportagem de página inteira aborda um panorama de como a mulher se apresentava na mídia na época, recorrendo a personagens em destaque na televisão, como a personagem Malu¹³ da atriz Regina Duarte, da música e do futebol para construir sua narrativa. A combinação entre cultura pop e política evidencia que o periódico não era avesso à ideia de discutir a moda e seu impacto social, mas o fazia a partir de um viés revolucionário. Nesse sentido, buscava iluminar questões ausentes nas

¹³ Malu Mulher era uma série de televisão que mostrava a condição da mulher brasileira no final dos anos 1970, a partir do cotidiano de Maria Lúcia Fonseca, a Malu, uma socióloga paulista, divorciada e mãe de uma menina de 12 anos. O programa reforçava a ideia de uma “super-mulher”.



20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

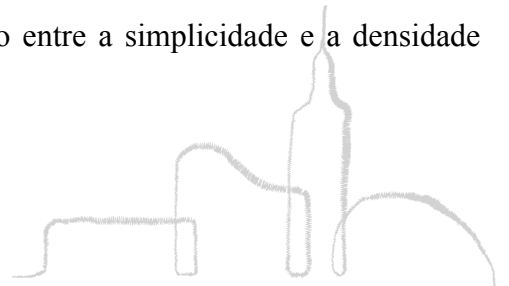
revistas femininas convencionais, por meio de discussões e abrindo o diálogo para tentar uma análise sobre essas mulheres que eram assistidas nas novelas ou ouvidas no rádio, demonstrando que a moda também poderia ocupar um espaço legítimo e crítico dentro da imprensa feminista.

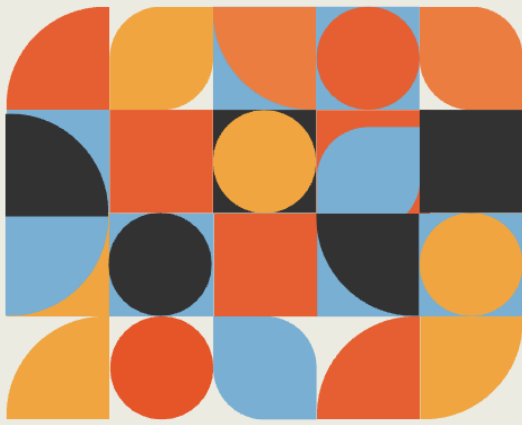
Assim, ao longo de suas edições, o Brasil Mulher revelou que a moda, mesmo não assumindo um lugar de destaque em suas páginas, estava presente de forma transversal, articulada à luta política, ao trabalho feminino e às representações culturais do período. Longe de reproduzir os padrões da imprensa tradicional, o jornal apropriou-se da moda como linguagem crítica, utilizando-a para questionar desigualdades, denunciar práticas discriminatórias e propor novas leituras sobre a experiência das mulheres. Esse tratamento evidencia que, para além de um distanciamento ou associação à futilidade, a moda podia ser compreendida como instrumento de resistência e identidade coletiva dentro do Brasil Mulher.

Diálogos finais

O Brasil Mulher foi um periódico pioneiro na imprensa alternativa brasileira durante a ditadura militar, representando um esforço coletivo de mulheres que, mesmo sem formação jornalística formal, ousaram produzir um veículo voltado à luta política, à defesa da anistia e à ampliação dos direitos femininos. Sua produção artesanal, circulação limitada e posterior fragmentação interna revelam tanto as dificuldades estruturais enfrentadas quanto a potência de um projeto que buscava falar de baixo para cima, registrando as experiências de mulheres historicamente silenciadas.

Ao situar-se no campo da imprensa feminista, o periódico destacou-se por recusar os modelos hegemônicos que reduziam a mulher a um ideal burguês e consumista. Diferenciou-se das revistas tradicionais ao priorizar temas como trabalho, saúde, educação, creches, participação política e mobilização social, oferecendo um olhar humanizado e coletivo sobre a condição feminina. Ainda assim, o jornal não esteve imune a tensões internas e a dualidade relacionada a sua linguagem, oscilando entre a simplicidade e a densidade intelectual.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Nesse percurso, a moda aparece como chave interpretativa essencial que encontra seu lugar cativo nos detalhes e das vozes de quem era notícia no jornal. Longe de ocupar uma seção própria, foi reproduzida de forma transversal, emergindo nas capas, nas entrevistas, nas reportagens sobre greves e mesmo nas representações da cultura pop. Ao contrário da associação imediata com futilidade, que era uma hipótese no início desse trabalho, a moda foi utilizada como linguagem crítica: um recurso para questionar desigualdades trabalhistas, refletir sobre padrões estéticos e afirmar identidades coletivas. Dessa forma, evidencia-se que a ausência aparente da moda no Brasil Mulher não corresponde a um silêncio absoluto, mas a uma reapropriação política que a insere no campo da resistência.

Assim, compreender o Brasil Mulher a partir da relação entre imprensa feminista e moda permite reconhecer que essas páginas, marcadas pelo tempo e pela fragilidade material, preservam não apenas memórias de lutas e conquistas, mas também registros culturais que dialogam com o presente. O jornal mostra que, mesmo em meio à censura e à repressão, era possível construir narrativas contra-hegemônicas em que a moda, o trabalho e a política se entrelaçavam, revelando-se como instrumentos de transformação social, identidade coletiva e resistência feminina.

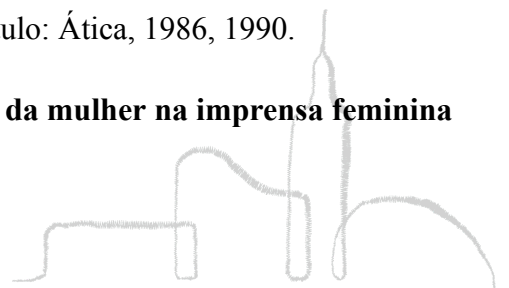
Referências

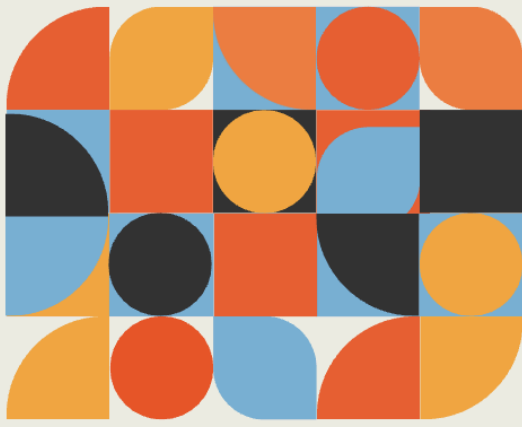
ACERVO Digital Centro Sérgio Buarque de Holanda - CSBH/FPA. Imprensa Alternativa, Periódicos, Brasil Mulher. Disponível em: <<https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-brasil-mulher>>. Acesso em: 28 mai. 2025.

ACERVO Digital Instituto Vladimir Herzog - IVH/Memórias da Ditadura. Imprensa Alternativa, Periódicos, Brasil Mulher. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/periodico/brasil-mulher/#acervo>>. Acesso em: 28 mai. 2025.

BITTONI, Dulcília Helena Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1986, 1990.

BITTONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina**





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

brasileira. São Paulo: Loyola, 1981

CARDOSO, Elizabeth. **Imprensa feminista brasileira pós-1974.** São Paulo, v. 12, n. esp., p. 83-96, 2004. Disponível em:
https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27142/tde-17052004-165710/publico/Imprensa_feminista_brasileira.pdf. Acesso em: 1 jul. 2024.

COLLING, Ana Maria. **As Mulheres E A Ditadura Militar No Brasil.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

ESTANISLAU, Lucas; ANGELO, Tiago. **Brasil Mulher: luta feminista por liberdade e anistia.** Opera Mundi. 2017. Disponível em:
<<https://operamundi.uol.com.br/memoria/brasil-mulher-luta-feminista-por-liberdade-e-anistia/>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa.** São Paulo: Edusp, 2003.

SHARPE, Jim. "A história vista de baixo". In: BURKE, Peter. (Org). **A Escrita da História.** São Paulo: Edunesp, 1991.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do Feminismo no Brasil.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1999. p. 87-89.

